

CONFIGURACIONALIDADE EM LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR *

Maria Cristina da Silva MARTINS

ABSTRACT: *This research proposes that classical Latin can be analyzed as a non-configurational language and vulgar Latin as a configurational language, following Chomsky (1981), Hale (1983) and Baker (1996). Our work does not deny the traditional studies, but only proposes a new way of analyzing the data. We make a statistical analyses about the main properties of non-configurationality in two fragments of the literature that represent classical and vulgar Latin: De Bello Gallico and Peregrinatio Aetheriae. Our results confirm the hypothesis of Latin classical non-configurationality and Latin vulgar configurationality and show quantitative and qualitative differences that can be explained by the distinct nature of Noun Phrase in these two synchronies. We show that the same theoretical analysis proposed by Fukui (1986) to explain the Japanese syntax correctly predicts the quantitative and qualitative differences found in classical and vulgar Latin, on the assumption that the classical language does not have the functional category D. Vulgar Latin, on the contrary, has D and the projection DP, but we notice that vulgar Latin exhibits characteristics of both classical and vulgar language and, in this case, we have grammars in competition in the sense of Kroch (1994).*

RESUMO: *Com base nos trabalhos de Hale (1983) e Baker (1996), propomos que o latim clássico apresenta características das línguas não-configuracionais e o latim vulgar das línguas configuracionais. Apresenta-se uma análise quantitativa das propriedades das línguas não-configuracionais, a saber, ordem livre de palavras, uso de expressões descontínuas e omissão de constituintes argumentais, que comprovam a validade de se poder afirmar tais semelhanças. As referidas análises foram realizadas com base em dois textos representativos das duas sincronias da língua latina: De Bello Gallico e Peregrinatio Aetheriae. As diferenças quantitativas e qualitativas encontradas nos dois textos adquirem um caráter explicativo quando se propõe uma análise abstrata para o sintagma*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 29 de julho de 2002, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Charlotte M.C. Galves.

nominal do latim clássico, baseada em Fukui (1986) e para o latim vulgar em Abney (1986). Propõe-se que em latim clássico o que se tem é uma impressão de não-configuracionalidade, porque as principais propriedades da não-configuracionalidade podem ser explicadas sintaticamente pela natureza de seu sintagma nominal, que não possui a categoria funcional determinante. O mesmo acontece no caso do latim vulgar, que tem características configuracionais devido à natureza do sintagma nominal, por possuir a categoria determinante. Mostra-se que existe inconsistência nos dados do latim vulgar, porque exhibe características do latim clássico e do latim vulgar ao mesmo tempo, o que configura um quadro de gramáticas em competição.

0. INTRODUÇÃO

A tese “Configuracionalidade em latim clássico e latim vulgar”¹ compara a sintaxe do latim clássico e do latim vulgar, tomando como textos representativos dessas duas sincronias latinas, respectivamente, *De Bello Gallico* e *Peregrinatio Aethiopiae*. Quanto a este último texto, embora não seja representante típico do latim vulgar, porque a autora possui escolaridade e conhece a gramática do latim clássico, há inúmeros vulgarismos nesta obra, sobretudo sintáticos. Por tratar-se de uma narrativa de viagem, escrita em linguagem simples e direta, a autora deixa transparecer estruturas que estavam mudando ou coexistiam.

Utilizando a teoria da gramática gerativa no modelo de Princípios e Parâmetros - versão pré-Minimalista - propomos semelhanças entre o latim clássico e as línguas não-configuracionais e, inversamente, entre o latim vulgar e as línguas configuracionais.

Chomsky (1981), seguindo o trabalho de Hale (1978), admitiu a existência de línguas de ordem livre, as quais suspendiam a maioria dos princípios da teoria X-barra. Nesse momento, foi proposto o “Parâmetro da Configuracionalidade”, que dividia as línguas entre as que obedeciam ao sistema X-barra, e as que não obedeciam a ele. Dois grupos de línguas distintas faziam parte das línguas “não-configuracionais”: as de morfologia riquíssima, línguas aglutinantes e de certo modo “exóticas” como as línguas indígenas norte-americanas, já descritas e citadas por Boas e Sapir no início do séc. XX, e outro tipo de línguas que inclui o japonês, o chinês e o húngaro.

Ken Hale (1983) foi o primeiro lingüista a propor especificamente a existência de línguas não-configuracionais ao estudar uma língua aborígine australiana – o warlpiri – e apontar suas propriedades. Dentre as propriedades mais marcantes das línguas não-configuracionais, as quais são tomadas como derivadas da riquíssima morfologia que apresentam, destacam-se: (1) a ordem livre de palavras, (2) o uso

¹ Agradeço à Fapesp pelo financiamento desta pesquisa (processo nº 96/05270-9).

expressões descontínuas, (3) o uso extensivo de argumentos nulos. Posteriormente a Hale, os trabalhos mais importantes sobre essas línguas são os de Jelinek (1984) e de Baker (1996). O primeiro as denominou “argumento-pronominais”, e o segundo, “polissintéticas”².

Segundo a análise que oferecemos para o sintagma nominal do latim clássico e do latim vulgar, é o fato de o latim clássico não possuir a categoria funcional determinante (D) que explica o conjunto de fenômenos sintáticos observáveis e que estão ligados à não-configuracionalidade. Seguindo Fukui (1986), propomos que a não-configuracionalidade do latim clássico é só aparente e se deve à natureza de seu sintagma nominal, muito particular, que não é “fechado” estruturalmente, sendo uma projeção de N até o nível N-barra. O latim vulgar, por sua vez, possui a categoria funcional D e projeta um DP (Abney, 1986), um nível estruturalmente “fechado”, que não permite as manifestações sintáticas ligadas à não-configuracionalidade, destacando-se a impossibilidade de descontinuidade de elementos à maneira clássica. Há visivelmente em latim vulgar um emprego mais fixo de ordem de palavras, com maior contigüidade entre os termos que estabelecem relações sintáticas (também morfológicas em se tratando do latim) e semânticas, e o uso determinantes e pronomes no sintagma nominal.

As características do latim que propomos como ligadas à “não-configuracionalidade” e à “configuracionalidade” foram reconhecidas pela tradição dos estudos latinos. Assim, o nosso trabalho não contesta o mérito da longa descrição do latim feita por estudiosos como Ernout, Marouzeau, Meillet, para o latim clássico, e por Herman, Maurer Jr., Väänänen, entre outros, para o latim vulgar, mas, com apoio nela, propõe uma nova maneira de analisar os dados, com base na lingüística teórica.

² As chamadas línguas “não-configuracionais” ou “polisintéticas” não constituem uma classe homogênea. No entanto, temos propriedades recorrentes nessas línguas, provindas de uma generalização descritiva, que lhes fizeram valer tal rótulo. A condição *sine qua non* para que uma língua seja considerada “não-configuracional” ou “polisintética” é sua complexidade morfológica, pois algumas características gerais da não-configuracionalidade também podem ocorrer em línguas que não têm concordância, como é o caso do japonês. Nas línguas polisintéticas, há uma morfologia verbal extremamente rica, que expressa relações sintáticas e semânticas, e ainda a incorporação de nomes, em que os papéis temáticos estão incorporados ao nome na forma de afixos (papel temático de tema e objetos referenciais). As relações gramaticais nestas línguas ocorrem tanto nos nomes quanto nos verbos, na forma de afixos. Esta é uma razão para que o contraste entre verbos e nomes não seja muito claro. Dado que nessas línguas a organização das palavras é extrema, desde o princípio das investigações foi afirmado que elas apresentavam uma espécie de configuracionalidade dentro da palavra, mas não na sintaxe.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR

Denomina-se “latim clássico” a língua das classes cultas de Roma, cujos principais representantes são Cícero e César, no século I a.C. Mais especificamente, “latim clássico” - *sermo classicus* - é a norma literária, altamente estilizada, que compreende o período que vai de 81 a. C. a 14 d.C. Esta norma literária coexistia com o *sermo urbanus* ou *usualis*, língua coloquial das classes cultas, e com o *sermo plebeius*, que pode ser subdividido na língua dos camponeses - *sermo rusticus* - língua regional, *sermo peregrinus*, - linguagem dos estrangeiros, bastante numerosos no Império, *sermo castrensis* ou *militaris* - língua dos soldados. O termo “latim vulgar” engloba estas últimas variedades. O *sermo classicus* se fixou como uma língua escrita (o latim clássico que estudamos) e o latim vulgar prosseguiu se transformando até que em mais ou menos 600 d.C. já constituía os primeiros romances (variedades regionais do latim vulgar) e posteriormente, a partir do século IX, as línguas românicas.

Latim clássico

As características gerais básicas do latim clássico são a ordem livre dos elementos na frase, e a riqueza morfológica dos nomes e dos verbos, que configuram o caráter sintético da língua.

Os latinistas reconhecem os pontos da gramática latina clássica³ que, conforme propomos, assemelham-se às línguas não-configuracionais: a ordem livre de palavras, a ausência de artigo definido (mas também o indefinido), o uso de expressões descontínuas e de argumentos nulos⁴. Os diferentes autores⁵ afirmam que a ordem de palavras é livre, mas que há sempre uma ordem neutra, e que as diferentes posições que os termos podem ocupar, têm como objetivo colocar em evidência um termo ou um sintagma. De uma maneira geral, as diferentes ordens levam em consideração questões de sentido, de estilo ou de ritmo. A omissão e descontinuidade de constituintes, bem como o uso e a ausência de artigos e pronomes são problemas que afetam o sintagma nominal. Diz-se que, em latim

³ A maior parte das gramáticas latinas dedica-se à morfologia, apresentando as declinações dos nomes e a conjugação dos verbos (o sistema de concordância nominal e verbal), como sendo a própria gramática latina. Quanto à sintaxe, pouco se encontra nessas gramáticas, mas destacam-se as seguintes peculiaridades (sintáticas) da língua latina: o acusativo com infinitivo, as diversas funções do ablativo, inclusive a oração subordinada em ablativo, o chamado “ablativo absoluto” e o emprego das formas nominais do verbo.

⁴ Cf. Cap. 1 da tese.

⁵ Os autores mais trabalhados foram Berger, Ernout & Thomas e Marouzeau porque têm uma abordagem mais lingüística, e tratam da sintaxe e da estilística, lugares onde poderíamos encontrar os pontos em questão.

clássico, o uso de pronomes como sujeito era enfático, por isso são comumente omitidos, e que na função de objeto também podem estar ausentes em condições adequadas de inferência pelo contexto, embora este último problema não seja muito enfatizado pelos autores, uma vez que a omissão de pronomes objeto é tratada junto com outros termos que podem ser omitidos, de natureza bastante diversa. Quanto à relação entre a ausência de artigos (e na maioria das vezes de pronomes no sintagma nominal), o fenômeno de ordem livre e a possibilidade de constituintes descontínuos, estas são questões que os latinistas não se colocam. Estas relações, no nosso entender, só poderiam ter sido formuladas pelos latinistas se eles tivessem um raciocínio lingüístico em sintaxe, se vissem a língua de modo mais abstrato, procurando compreender como uma série de fenômenos observáveis poderiam estar interligados de alguma maneira, formando um todo coerente. O nosso trabalho propõe algo de novo nesse sentido, ao mesmo tempo que não abandona a tradição gramatical do latim.

Latim vulgar

A maioria dos textos “vulgares” são, na verdade, textos fortemente marcados pela influência de características (em todas as áreas da gramática) que não são reconhecidas como o padrão culto, artisticamente (e estilisticamente) elaborado, ou seja, o latim clássico.

Há três características gerais do latim vulgar, com relação à sintaxe da frase que se contrapõem ao latim clássico:

- a) A língua vulgar é analítica na construção da sentença, pois, devido à progressiva perda dos casos, começa a exprimir as funções gramaticais por meio de preposições (complementos indiretos e circunstâncias) e pela ordem das palavras (sujeito e objeto).
- b) A frase popular faz um uso mais extensivo dos pronomes pessoais (1ª e 2ª pessoas), possessivos, demonstrativos, e inova com os artigos definido e indefinido, e com o pronome pessoal de 3ª pessoa.
- c) A disposição das palavras se “simplifica” e se fixa, em oposição ao latim literário no qual a ordem obedece em larga escala às preocupações de estilo. Nas palavras de Maurer Jr. (1959:193): “a grande liberdade de colocação no uso clássico devia constituir a parte da língua em que a preocupação estilística e o exemplo dos modelos gregos mais profundamente modificaram a sua evolução espontânea.”

Ainda com relação à sintaxe, o fenômeno mais importante é a mudança gradual em direção a uma ordem mais fixa para os componentes internos do sintagma nominal. Dentro deste, há o uso mais extensivo de pronomes em geral – pessoais, demonstrativos e possessivos -, além do uso dos demonstrativos *ipse* e *ille*,

especialmente *ille*, como algo próximo ao artigo definido das línguas românicas. Estas afirmações foram comprovadas pelo nosso trabalho de quantificação dos dados (caps. 4 e 5). Mostramos o maior uso de pronomes em geral e, em especial, de determinantes junto ao substantivo, e ainda a ausência de disjunções no sintagma nominal. Essas particularidades estão intimamente relacionadas ao caráter configuracional do latim vulgar, próximo das línguas românicas e distante do latim clássico.

2. AS PROPRIEDADES DA “NÃO-CONFIGURACIONALIDADE” NO LATIM CLÁSSICO E NO LATIM VULGAR

As propriedades da não-configuracionalidade – ordem livre de palavras, uso de expressões descontínuas, omissão de constituintes argumentais e ausência artigos apresentam modificações consideráveis em latim vulgar. Segundo a análise quantitativa e qualitativa realizada⁶, não é mais possível falar em não-configuracionalidade no latim vulgar, pois começam a aparecer as propriedades das línguas configuracionais: (i) o início do artigo definido e um uso mais intenso de pronomes pessoais e demonstrativos preenchendo uma posição dentro do sintagma nominal (ou sintagma determinante); (ii) a sintaxe tende à ordem mais fixa, com menos disjunções e inversões, e mais próxima das línguas românicas do que do latim clássico; (iii) a omissão de constituinte argumental (objeto direto pronominal), não ocorre. A questão dos constituintes nulos, descontínuos (inclui-se aí a ordem extremamente livre) e ausência de artigos são propriedades que afetam o sintagma nominal. Estes fenômenos são melhor descritos quando considerados como um todo interligado que tem relação com a natureza estrutural do sintagma nominal. Ao invés de apresentarmos passo a passo cada uma das propriedades da não-configuracionalidade, deteremo-nos na principal delas, a constituição do sintagma nominal, visto que é a que nos aprofundamos mais detalhadamente, propondo uma análise teórica diferenciada para o sintagma nominal clássico e vulgar que dá conta do conjunto das propriedades.

2.1 A aparente não-configuracionalidade clássica

Com base nos dados que o latim apresenta, a mesma análise teórica que Fukui propõe para o sintagma nominal do japonês pode ser adotada para explicar o comportamento do sintagma nominal do latim clássico.

Fukui (1986) propõe outra formulação da teoria X-barra, de Chomsky (1981) em diante, em que somente as categorias funcionais possuem uma estrutura sintática completa, ou seja, só estas categorias projetam no nível X'' (duas barras), através da

⁶ Cf. Caps. 4 e 5 da tese.

combinação da projeção X' com um especificador. Portanto, somente as categorias funcionais possuem “especificador.” As categorias lexicais, ao contrário, não têm especificador, e assim projetam apenas o nível X'. As categorias lexicais podem ter recursividade à esquerda⁷ e para ele isto é sinal de que não possuem uma só posição de especificador. Trata-se de termos modificadores que para outros autores são considerados especificadores das categorias lexicais e que para Fukui são considerados pseudo-especificadores em configuração de adjunção. As categorias funcionais, por sua vez, não permitem tal recursividade.

Segundo Fukui, esta reinterpretação da teoria consegue explicar o fato de o japonês permitir reiteração de categorias lexicais em configurações de adjunção, pelo fato de estarem sempre “abertas.” A língua japonesa, segundo ele, deve ser descrita em termos de categorias lexicais por uma série de evidências que levam a postular a inexistência de categorias funcionais. Assim, o sintagma nominal do japonês, segundo Fukui, é uma projeção de N até o nível 1-barras porque não existe D (determinante).

Há duas evidências de que não existe a categoria determinante latim clássico. A primeira, e mais evidente, é a falta de artigo definido. A segunda vem do comportamento do sintagma nominal, com o fenômeno de descontinuidade de elementos. A simples ausência de artigo definido já seria um motivo para que se postulasse a ausência do núcleo funcional determinante e sua projeção, o DP. Mas há ainda outras propriedades relacionadas ao sintagma nominal clássico que se explicam com o emprego da mesma análise teórica proposta por Fukui (1986) para o japonês.

O Sintagma Nominal do latim clássico

O sintagma nominal como uma projeção de N no nível 1-barras prediz corretamente três fenômenos observáveis em latim clássico: 1) a possibilidade de adjunções reiteradas de elementos modificadores; 2) a extração de qualquer elemento interno ao sintagma nominal; 3) a possibilidade de qualquer ordem interna dos elementos que compõem o sintagma nominal.

Apresentamos agora os dados que mostram o “não-fechamento” do sintagma nominal no latim clássico.

- Constituintes descontínuos gerados pela liberdade de ordem dentro de N'

A frase abaixo é de César, *De Bello Gallico*:

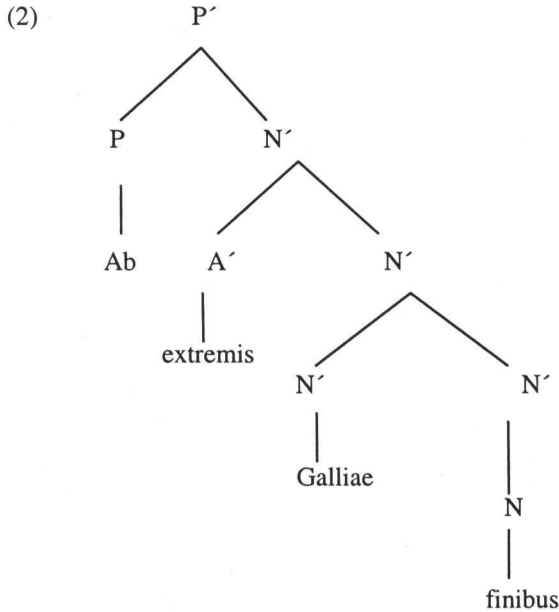
⁷ A idéia de recursividade de Fukui é um pouco diferente da aceção usual do termo em lingüística, que significa permitir frases e expressões indefinidamente longas, sem limitações impostas pelo sistema de competência, porém limitadas do ponto de vista de processamento, que integra o desempenho (“performance”), como a atenção, a memória.

- (1) *B.G. I, 1: Belgae [ab extremis Galliae finibus] oriuntur*
 Os belgas dos limites da Gália extremos começam

“Os belgas começam dos últimos limites da Gália”

O fato de *Galliae* intercalar-se entre *ab extremis finibus* recebe uma explicação natural com a interpretação de que *N'* é uma categoria lexical aberta, que não possui especificador. As projeções de nível 1-barras por não possuírem uma única posição de especificador, admitem reiteração de modificadores nominais em configuração de adjunção. Como se sabe, adjuntos têm mobilidade estrutural, por isso a possibilidade de qualquer ordem interna.

Tem-se, assim, a seguinte configuração estrutural para o sintagma preposicional de (1):



Uma outra prova de que o sintagma nominal clássico é uma categoria aberta pode ser vista no exemplo abaixo, de Cícero:

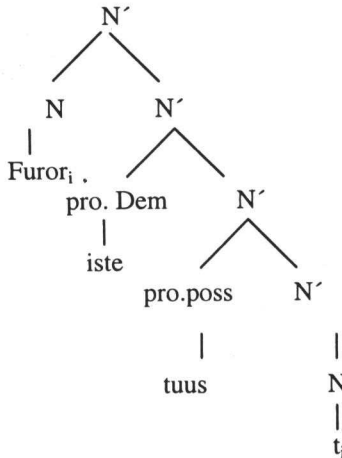
(3) Cíc. *Catilina*. I,1: *Quamdiu etiam furor iste tuus nos eludet?*
 Por quanto tempo-adv ainda-adv. rancor-nom. esse-nom.
 teu de nós zombará/enganará

“Por quanto tempo ainda esse teu rancor zombará de nós?”

Se, no sintagma nominal [*furor iste tuus*], *iste* representasse da categoria D, estaria fechando o sintagma, ou à esquerda ou à direita do NP. Teríamos então [*iste furor tuus*] ou [*furor tuus iste*]. Pela ordem livre interna ao sintagma, que não é delimitado por *iste*, podemos ver que o sintagma nominal é uma projeção de N, ou seja, um N', que permite várias adjunções neste nível.

A configuração estrutural do exemplo (3) é dada em (4):

(4)



Esta estrutura explica a ordem livre interna ao sintagma e a possibilidade de ruptura de adjacência de termos que concordam em caso.

2.2. A configuracionalidade do latim vulgar

No latim vulgar, há uma série de evidências de que existe a categoria D.

- Aumenta o uso de *ipse* e *ille* (pronomes demonstrativos latinos que deram origem ao artigo definido das línguas românicas e ao pronome pessoal de 3ª pessoa) adjacência a nome, ocupando um dos limites do sintagma nominal, no valor de artigo definido ou demonstrativo anafórico.

Dentre inúmeras ocorrências, selecionamos o exemplo (5), abaixo, no qual o sintagma nominal [*torrentem illum*] apresenta um demonstrativo que se posiciona em uma das extremidades do sintagma.

(5) P.A. 5,6: *Item ostenderunt torrentem illum, de quo potauit sanctus Moyses*

Além disso, mostraram torrente a/aquela-ac. da qual-abl fez beber o santo Moisés-nom.

Filios Israhel, sicut scriptum est in Exodo.

os filhos-ac. de Israel-gen, assim como escrito está no Êxodo-abl.

“Além disso, mostraram-nos a torrente da qual o santo Moisés fez beber os filhos de Israel, assim como está escrito no Êxodo.”

• Expande-se o uso de pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas (aqui exemplificamos somente o de 1ª p. sing. -ex.(6)) e surge o pronome de 3ª pessoa a partir de *ipse* e *ille* (exs.(7) e (8)).

(6) P.A. 7,2: *clerici uel monachi ostendebant nobis singula loca, quae semper ego*

clérigos ou monges mostravam a nós cada um dos lugares que sempre **eu** *iuxta scripturas requirebam*
conforme as escrituras requeria

“Os clérigos ou monges nos mostravam cada um dos lugares que **eu** sempre requeria, conforme as escrituras”

(7) P.A. 8,5: *Ipse ergo cum se dignatus fuisse uexare et ibi nobis occurrere...*

Ele pois como se dignado tivesse abalar e lá a nós correr

“Ele, pois, como tivesse se dignado a se abalar e lá correr a nosso encontro...”

(8) P.A. 23,3: *inueni ibi (...) sancta diaconissa nomine Marthana, quam ego apud*

encontrei aí santa diaconisa de nome Martana, que eu perto

Ierusalimam noueram, ubi illa⁸ gratia orationis ascenderat

de Jerusalém conheceu, onde **ela** por causa de oração subira

⁸ Este é um exemplo que tradicionalmente é interpretado como o pronome pessoal “ela”, cf. Maurer Jr., Väänänen, etc. Um assunto a ser pesquisado futuramente é se há ou não condicionamento sintático que favoreça o uso de pronomes pessoais. Dos nove exemplos que encontramos de *ipse* e *ille* com valor de “ele” e “ela” (para “ela” só aparece *illa*), 8 apresentam o verbo depois do pronome e apenas 1 antes do pronome.

“aí encontrei uma santa diaconisa de nome Martana, que eu conhecera perto de Jerusalém, onde **ela** subira para orar”

- Descontinuidade de constituintes

Os casos de constituintes descontínuos na *Peregrinatio* são praticamente de um só tipo. Trata-se de advérbios, como *iam*, e partículas afirmativas, como *autem* e *ergo*, além da fórmula *id est*. Todas essas disjunções são aparentes e têm características de fórmulas fixas. O caráter de fórmula fixa se faz notar pelo fato de serem compostas por palavras indeclináveis, e que até mesmo nem precisam se traduzidas. A conjunção *autem*, por exemplo, que significa ‘entretanto’ ou ‘além disso’, não tem esse valor na maioria das ocorrências, mostrando-se como uma partícula afirmativa, do tipo ‘ora’.

Os exemplos abaixo retomam os tipos de descontínuos encontrados na *Peregrinatio*.

(9) P.A. 9.2: *Ipse **autem** sanctus episcopus ex monacho est*
Esse contudo santo bispo de monge é (vem)

“Esse santo (i.e.” cristão”) é bispo depois de ter sido monge”⁹

(10) P.A. 5,10: *Vidimus etiam in extrema **iam** ualle ipsa memorias concupiscentiae.*
Vimos pois no extremo já vale o/aquele as memórias da concupiscência

“Vimos **já** no extremo do vale as memórias da concupiscência.”

Estes exemplos são casos de descontinuidade causados que seguem o padrão clássico, separando o demonstrativo do nome a que se liga, como é o caso de (9) - *Ipse **autem** sanctus* ou rompendo a contigüidade entre o nome e o modificador, como em (10) *in extrema **iam** ualle*.

Há um caso de descontinuidade na *Peregrinatio* que merece destaque por não seguir o padrão clássico. Trata-se do exemplo abaixo:

(11) P.A. 4,7: *Ante ipsam **autem** ecclesiam hortus est gratissimus, habens aquam optimam*

diante dessa entretanto igreja jardim há graciosíssimo tendo água ótima
abundantem, in quo horto ipse rubus est.
abundante no qual jardim a sarça está.

⁹ Esta frase comporta uma outra tradução, derivada de se considerar o sintagma nominal sujeito *ipse autem sanctus episcopus*, que é então: “esse santo bispo vem de monge” ou “...é um antigo monge.”

“Há, diante dessa igreja, um jardim graciosíssimo, com água ótima e abundante, e é neste jardim que se encontra a sarça.”

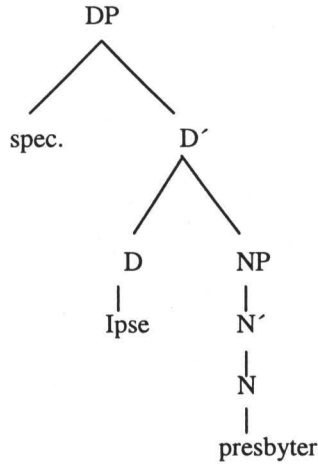
A descontinuidade que se observa em (11) no sintagma *ante ipsam autem ecclesiam* é peculiar à *Peregrinatio*. Verifica-se que *ipsam* permanece dentro do sintagma preposicional, o que é uma evidência de que o sintagma nominal contido no sintagma preposicional está limitado por *ipsam*, e que *autem* é um recurso estilístico da autora, que tenta, através da inserção de palavras indeclináveis, rebuscar o seu latim para lhe conferir um aspecto mais clássico. É importante salientar que nenhuma ocorrência deste tipo foi encontrada em César, autor clássico escolhido para realizar a análise quantitativa das propriedades da não-configuracionalidade. A julgar pelas disjunções encontradas no latim clássico, e até mesmo pelas disjunções de “imitação” ao latim clássico na *Peregrinatio*, esperar-se-ia *ipsam autem ante ecclesiam*. Neste exemplo hipotético do que seria a disjunção “normal”, segundo a nossa análise, se se tratasse do latim clássico, *ipsam* teria sofrido um movimento para fora do sintagma, para uma posição mais alta na frase. Se fosse usado na *Peregrinatio*, à moda clássica, seguiria o modelo de (9), por exemplo, que conta com o demonstrativo em disjunção ao substantivo. Mas, para estas disjunções da *Peregrinatio* assumimos que provêm de inserção lexical, e não são produtos de sua gramática. Esta ocorrência da *Peregrinatio* - *ante ipsam autem ecclesiam* – é uma evidência empírica nesse sentido, ou seja, em favor da hipótese de que existe o sintagma determinante, e de que a disjunção só pode ser vista como um recurso estilístico, não produzido pela sua língua interna, pois a autora não gera uma disjunção semelhante a que ocorre em latim clássico, ou seja, com um aparente movimento de *ipsam*.

O sintagma nominal em latim vulgar – *Peregrinatio Aetheriae* (P.A.)

Atribuímos a seguinte estrutura para o sintagma nominal *Peregrinatio* tomando como exemplo o sintagma [*ipse presbyter*] da frase abaixo:

(13) P.A. 10,8: *dicit ergo nobis ipse presbyter* “disse-nos pois esse presbítero”

(13) a



4. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa apresentamos uma nova maneira de descrever e analisar o que tradicionalmente se chama “latim clássico” e “latim vulgar”. Propusemos semelhanças entre o latim clássico e as línguas não-configuracionais e, inversamente, entre o latim vulgar e as línguas configuracionais, a partir de uma generalização descritiva, com base nas propriedades sintáticas de ordem livre, ausência de artigos, omissão de constituintes e constituintes descontínuos. O aprofundamento em uma dessas propriedades, sobre a constituição do sintagma nominal, nos levou a reconhecer que na verdade o latim clássico é uma língua configuracional, e que a não-configuracionalidade é só aparente, pois pode ser explicada pela natureza de seu sintagma nominal, que não apresenta a categoria funcional determinante. O latim vulgar, por sua vez, tem características visivelmente configuracionais, que se devem principalmente à estrutura de seu sintagma nominal, que possui a categoria determinante. Assim, propõe-se que as duas sincronias diferem no parâmetro “presença versus ausência de D”, ou seja, um parâmetro que afeta uma categoria funcional. Todavia, a língua de Egeia mostra um momento em que há competição de gramáticas. Por um lado, ela não usa determinantes e produz frases com ordem variável, com construções tipicamente clássicas, e com algumas expressões descontínuas, que contudo se parecem com fórmulas fixas. O intento de Egeia é escrever latim clássico e, como ela sabe que em latim clássico ocorrem disjunções, ela usa exageradamente um dos tipos de disjunção, o das partículas indeclináveis *autem* e *ergo*, a ponto de ser raro um parágrafo que não contenha pelo

menos um destes dois termos no sintagma. Por outro lado, ela faz uso de determinantes e pronomes, mantém contíguos os elementos que estabelecem relações sintáticas, morfológicas e semânticas, e utiliza a ordem românica ((S) V X) em mais da metade dos casos. Esta “inconsistência” nos dados se revela em muitas partes da gramática, não apenas no sintagma nominal. Etéria quer escrever latim clássico, mas nem sempre consegue esconder sua gramática (língua interna), que se revela através de seus deslizamentos, como no exemplo de disjunção em (11).

Acreditamos, no entanto, que ainda há espaço para mais discussão e aprofundamento sobre o conjunto de propriedades que identificamos no latim clássico como ligadas às línguas não-configuracionais e a sua contra-parte nas línguas configuracionais e a teoria de princípios e parâmetros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNEY, Steven Paul. (1987). *The english noun phrase in its sentential aspect*. PhD Dissertation, MIT.
- ADAMS, J. N. (1977). A typological approach to Latin word order. *Indogermanische Forschungen* 81.70-99.
- ADAMS, Marianne. (1987). *Old French, null subjects and verb second phenomena*. Doctoral dissertation, University of California, Los Angeles.
- ANDRÉS, Gregorio Hinojo. (1986). El orden de palabras en la *Peregrinatio Aetheriae*. *Studia Zamorensia: Philologia VII*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, p.79-87.
- BAKER, Mark. (1995). *The polysynthesis parameter*. Oxford, Oxford University Press.
- _____. (1997). Thematic roles and syntactic structure. In: HAEGEMAN, Liliane, (ed.) *The New Comparative Syntax*. New York, Longman.
- BANNIARD, Michel. (1997). *Du latin aux langues romanes*. Paris, Nathan.
- BENVENISTE, Émile. (1966). La nature des pronoms. In: *Problèmes de linguistique générale I*. Paris, Gallimard.
- _____. (1974). L'antonyme et le pronom en français moderne. In: *Problèmes de linguistique générale II*. Paris, Gallimard.
- BERGER, Ernst. (1939). *Stylistique latine*. Paris, Klincksieck.
- BOLKESTEIN, A. M. (1988). Parameters in the expression of embedded predications in latin. In: CALBOLI, Gualtiero (1989) *Subordination and other topics in latin*. Amsterdam, John Benjamins.
- BOURCIEZ, Édouard. (1967). *Éléments de linguistique romane*. Paris, Klincksieck.
- CABAÑEROS, Federico Panchón. (1986). Orden de palabras en latin (César, B.G. I; Cicerón *Pro Milone*). *Studia Zamorensia: Philologia VII*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, p. 213-229.

- CALBOLI, Gualtiero. (1985). Relatif de liaison et absence d'article en latin. *Actes du IIème Congrès International de Linguistique Latine*. Aix-en-Provence, Université de Provence.
- _____. (1989). Subordination and opacity. In: CALBOLI, ed. *Subordination and other topics in latin*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- _____. (1990). Les pronoms démonstratifs latins et la formation de l'article roman. *Revue de Philologie*, LXIV, n° 1-2, p. 71-88.
- CÂMARA Jr., Mattoso. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.
- CAMPOS, H. (1986). "Indefinite Object Drop", *Linguistic Inquiry* 17: 354-359.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. (1989). *A literatura latina*. São Paulo, Mercado Aberto.
- CÉSAR. *Guerre des Gaules* – Tomo I (Livros I a IV, 1926), Tomo II (Livros V-VIII, 1962) Texto estabelecido e traduzido par L.-A. Constans. Paris, Les Belles Lettres.
- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic structures*. Mouton, The Hague.
- _____. (1970). Remarks on Nominalizations. In: JACOBS, R.& ROSENBAUM, P. S.(eds.) *English Transformational Grammar*. Waltham/ Massachusetts, Ginn & Company.
- _____. (1980). On binding. *Linguistic Inquiry*, n° 11:1, p.1-46.
- _____. (1981). *Lectures on government and binding*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- _____. (1982). *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge/Massachusetts, The MIT Press
- _____. (1986a). *Barriers*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- _____. (1986b). *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York, Preager.
- _____. (1988). *Language and problems of language: The Managua Lectures*. Cambridge / Massachusetts, The MIT Press.
- _____. (1994). *Bare Phrase structure. MIT occasional papers in linguistics 5*. Também publicado em Chomsky, *The Minimalist Program* (1997), MIT. Há tradução para o português feita por Eduardo Raposo (1999), Lisboa, Caminho.
- _____. (1995). Language and nature. *Mind* n°104, p.1-61.
- CHOMSKY, N..& LASNIK, H. (1977). Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, n° 8:3, p. 425-504.
- COUTINHO, Ismael de Lima. (1973). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil*. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP. (Publicada pela Editora da Universidade Estadual de Londrina em 1997).
- DE JONG, JAN R. (1996). The borderline between deixis and anaphora in latin. In.: ROSÉN, Hannah (ed.). *Aspects of latin: Papers from the Seventh International Colloquium on Latin Linguistics*. Innsbruck, pp. 499-509.
- DUBOIS et Alii. (1973). *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- DIK. (1980). *Studies in Functional Grammar*. London, Academic Press.
- DUCROT, Oswald. (1972). *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo, Cultrix.
- ELIA, Sílvio. (1979). *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- ERNOUT, A. (1916). *Recueil de textes latins archaïques*. Paris.

- ERNOUT-THOMAS. (1953). *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck.
- FIGUEIREDO, José Nunes de & ALMENDRA, Maria Ana. (1982). *Compêndio de gramática latina*. Porto, Porto.
- FONDA, Enio. (1966). *A síntese orgânica do "Itinerarium Aetheriae."* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis/SP.
- FUKUI, Naoki. (1986). *A theory of category projection and its applications*. Massachusetts, PhD Dissertation, MIT.
- GALVES, C. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, 378-408.
- _____. (1998). A gramática do português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Campinas, Pontes.
- GIORGI, A. & LONGOBARDI, G. (1991). *The syntax of noun phrases*. Cambridge, Cambridge U. P.
- GRANDGENT, C.H. (1952). *Introducción al latín vulgar*. Madrid, Revista de Filología Española.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (1989). *The null subject parameter*. Dordrecht, Kluwer.
- JELINEK, Eloise. (1984). Empty categories, case, and configurationality. *Natural Language and Linguistic Theory* 2:39-76.
- HAEGEMAN, L. (1997). *The New Comparative Syntax*. New York, Longman.
- HALE, Kenneth. (1978). On the position of walpiri in a typology of the base. Mimeo., MIT.
- _____. (1983). Walpiri and the grammar of nonconfigurational languages. *Natural Language and Linguistic Theory*, nº 1, p.5-49
- HARBERT, Wayne. (1995). Binding theory, control and pro. In: WEBELHUTH, Gert (ed.) *Government and binding theory and the minimalist program*. Oxford/Cambridge, Ms, Blackwell.
- HARRIS, M. (1980). The marking of definiteness in Romance. In: *Historical morphology*, J. Fisiak. Berlin, Mouton de Gruyter, p.141-156.
- HARRIS, Alice & CAMPBELL, Lyle. (1995). *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge, UK, Cambridge U. P.
- HERMAN, József. (1990). La disparition de la déclinaison latine. In: HERMAN, József. *Du latin aux langues romanes: Études de linguistique historique*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen.
- _____. (1999). *Vulgar latin*. Philadelphia, Penn State Press.
- HOLMES, T. Rice. (1914). *C. Iulii Caesaris Commentarii / Rerum in Gallia Gestarum VII / A. Hirti Commentarius VIII*. Oxford, Clarendon, Oxford U.P.
- HUANG, C. T. J. (1989). Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: JAEGGLI & SAFIR (eds.) *The null subject parameter*. Dordrecht, Kluwer.

- ILARI, Rodolfo. (1992). *Lingüística românica*. São Paulo, Ática.
- KATO, Mary. (1998). Formas de funcionalismo em sintaxe. *D. E. L. T. A.*, nº 14, p.145-168.
- _____. (1999). Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS* nº 11, p.1-37.
- KROCH, Anthony. (1994). "Morphosyntactic variation." In K.Beals (ed.), *Proceedings of the thirtieth annual meeting of the Chicago Linguistic Society*, v.2, p.180-201. Chicago Linguistics Society.
- LABOV, W. (1972). *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LASNIK, H. & J. Uriagereka. (1988). *A course in GB syntax: lectures on binding and empty categories*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- LINDE, P. (1923). Die Stellung des Verbs in der lateinischen Prosa. *Glotta*, nº 12, p.153-178.
- LUFT, Celso Pedro. (1974). *Moderna gramática brasileira*. São Paulo, Globo.
- LYONS, J. (1977). *Semantics I-II*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LYONS, Christopher. (1999). *Definiteness*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MARIANO, Alexandra & NASCIMENTO, Aires. (eds.) (1998). *Viagem do ocidente à terra santa, no séc. IV. Itinerarium ad loca sancta*. Lisboa, Colibri.
- MAROUZEAU, Jules. (1922). *L'ordre des mots dans la Phrase Latine I: Les groupes nominaux*. Paris, Honoré Champion.
- _____. (1946). *Traité de stylistique latine*. Paris, Les Belles Lettres.
- _____. (1953). *L'ordre des mots dans la Phrase Latine. Volume complémentaire*. Paris, Les Belles Lettres.
- MARTINS, Maria Cristina da S. (1996). *Os locativos na Peregrinatio Aetherae*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *et alii* (1989). *Gramática da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa, Caminho.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique. (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- _____. (1962). *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- MEILLET, Antoine. (1933). *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris, Klincksieck.
- MORI, Angel Corbera. (1998). Características morfosintáticas del Aguaruna (Jíbaro). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, IEL/Unicamp, nº. 34, p.157-168.
- NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A.L. (1996). As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. *D. E. L. T. A.*, nº12, p.125-52.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (1987). *A vertente grega da gramática tradicional*. Brasília, Hucitec.
- NOVAK, Maria da Glória. (1971). *Peregrinação de Etéria: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, Vozes.

- OLIVEIRA, Marilza. (1992). *A expansão do sintagma nominal no latim vulgar e no latim-português*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP.
- OUHALLA, Jamal. (1990). *Functional categories and parametric variation*. London and New York, Routledge.
- PANHUIS, Dirk. (1982). *The communicative perspective in the sentence. A study of latin word order*. Amsterdam, Benjamins.
- PARATORE, Ettore. (1983). *História da literatura latina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PÉTRÉ, Hélène. (1948). *Éthérie. Journal de voyage*. Paris, Les éditions du cerf.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. (1998). Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. *Alfa*, nº 42, UNESP.
- PHILIPPI, Julia. (1997). The rise of the article in the germanic languages. In: KEMENADE, Ans Van & VINCENT, Nigel (eds.) *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge, Cambridge U. P.
- PINKSTER, Harm. (1991). "Evidence for SVO in latin?." In: WRIGHT, Roger *Latin and the romance languages in the early middle ages*. Pennsylvania, Pennsylvania University Press.
- _____. (1995). *Sintaxis y semántica del latin*. Madrid, Clásicas.
- POLLOCK, Jean-Yves. (1989). Verb Movement, Universal Grammar and The Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n.3, p. 365-424.
- RADFORD, Andrew. (1997). *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge, Cambridge U. P.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. (1992). *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa, Caminho.
- RIBEIRO, Ilza. (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2*. Tese de doutorado, IEL/UNICAMP.
- RIEMANN, O. (1927). *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck.
- RIZZI, Luigi. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, Foris.
- _____. (1986). Null objects in Italian and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*, nº17, p.501-57.
- ROBERTS, Ian. (1993). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht, Kluwer.
- _____. (1997). *Comparative syntax*. London, Arnold.
- ROSÉN, Hannah. (1994). The definite article in the marking, nominal constituent order, and related phenomena. In: HERMAN, József, ed. *Linguistic studies on latin: selected papers from the 6th International Colloquium on Latin Linguistics (Budapest, 23-27 March 1991)*.
- SÂNDALO, Filomena. (1999). Categorical Projection and Phrase Structure in Kadiwéu. In: Bar-el, Déchaine & Reinholtz (eds.) *MIT Occasional Papers in Linguistics* 17:149-164.
- SANFELD, Kr. (1970). *Syntaxe du français contemporain*. Paris, Champion
- SAUSY, Lucien. (1977). *Grammaire latine complète*. Paris, Fernand Lanore.

- SERBAT, Guy. (1975). *Les structures du latin*. Paris, Picard.
- SILVA, Maria Cristina F. (1996). *A posição de sujeito no português brasileiro: em frases finitas e infinitivas*. Campinas, Editora da Unicamp.
- SILVA NETO, Serafim da. (1977). *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. (s.d) *Guia prático de tradução latina*. Cultrix, São Paulo.
- STOWELL, T. (1981). *The origins of phrase structure*. PhD Dissertation, MIT.
- TERRACINI, Benvenuto. (1945). Sobre el verbo reflexivo y el problema de los orígenes románicos. *Revista de Filología Hispánica*, v. VII, nº1, p.1-22.
- TRAVIS, Lisa. (1984). *Parameters and effects of word order variation*. PhD diss., MIT.
- TOVAR, Antonio. (1946). *Gramática histórica latina: sintaxis*. Madri, Aguirre.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. (1937). *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*. Helsinki, Annales Academiae Scientiarum Fennicae.
- _____. (1981). *Introduction au latin vulgaire*. Paris, Klincksieck.
- _____. (1987). *Le journal-épître d'Égérie (Itinerarium Egeriae): Étude linguistique*. Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia.
- VINCENT, Nigel. (1988). Latin. In: *The Romance Languages*. Eds. Harris, M.& Vincent, N. New York/Beckenham, Oxford University Press.
- _____. (1997). The emergence of the D-system in Romance. In.: KEMENADE, Ans Van & VINCENT, Nigel (eds.) *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge, Cambridge U. P.
- WILLIAMS, Edwin. (1995). Theta Theory. In: WEBELHUTH, Gert (ed.). *Government and binding theory and the minimalist program*. Oxford/Cambridge Ms., Blackwell.
- WOODCOCK, E.C. (1959). *A new latin syntax*. London, Methuen.